

O estudo dos tipos-interfaces entre tipologia e morfologia urbana e contribuições para o entendimento da paisagem*

Solange Aragão**

Resumo

Se o conceito de morfologia urbana não gera ambigüidade – embora muitos empreguem o termo quando se referem à forma urbana – o mesmo não pode ser dito em relação à tipologia, considerando-se que a palavra “tipo” assume acepções diversas, dependendo do autor e da época a que pertence. Esse artigo trata das definições e dos trabalhos de morfologia e de tipologia urbana, desenvolvidos ao longo do tempo no Brasil e no exterior, com o objetivo de demonstrar como o estudo dos tipos, da mesma maneira que o estudo da forma urbana, pode contribuir para a apreensão e o conhecimento da paisagem da cidade.

Palavras-chave: Tipologia, morfologia, tipo-morfologia e paisagem urbana.

The study of the type – interface between typology and urban morphology and contributions to the understanding of landscape

Abstract

If the concept of urban morphology is not ambiguous – although many people make use of such term when they refer to

* Este artigo resulta da Tese de Doutorado intitulada “Espaços livres urbanos”, desenvolvida com apoio da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

** Arquiteta, Urbanista, Mestre e Doutora pela FAU-USP. (solange.aragao@hotmail.com).

urban form – we cannot say the same regarding typology, considering that the meanings of the word “type” vary according to the author and the period they belong to. This article deals with definitions and texts on urban morphology and typology, which were produced throughout the time in Brazil and abroad, with the intention of demonstrating how the study of types, in the same way as the study of urban form, can contribute to the apprehension and knowledge of urban landscape.

Key words: Typology, morphology, typo-morphology and urban landscape.

Introdução: morfologia, tipologia, e paisagem urbana

O termo “morfologia” vem do grego (*morphé + lógos + ía*) e significa “a ciência que estuda a forma” ou “a ciência que trata da forma”. Do ponto de vista urbanístico, a morfologia pode ser definida como o estudo da forma urbana ou o estudo dos aspectos exteriores do meio urbano, por meio do qual se coloca em evidência a paisagem e sua estrutura¹. José Lamas propõe que esse estudo seja feito a partir da análise dos elementos morfológicos - as “*unidades ou partes físicas que, associadas e estruturadas, constituem a forma*”, ou seja, o solo, os edifícios, o lote, o quarteirão, as fachadas, os logradouros, o traçado, as ruas, as praças, os monumentos, a vegetação e o mobiliário². Esses elementos devem ser articulados entre si e vinculados ao conjunto que definem – “*os lugares que constituem o espaço urbano*”³.

A tipologia corresponde ao estudo dos tipos - termo que possui acepções arquitetônico-urbanísticas diversas, podendo designar um objeto a partir do qual são concebidas obras diferentes entre si⁴; um padrão habitualmente produzido, comum a uma

¹ LAMAS, 1992, p.37.

² Idem, *ibid.*, p.46.

³ Idem, *ibid.*, p.38.

⁴ QUINCY, Apud AYMÓNINO, 1981, p.104

época e lugar específicos⁵; ou um objeto teórico que reúne em si as características elementares de certo elemento morfológico do espaço urbano⁶. Neste caso, resulta de uma análise posterior à construção desse elemento, na qual são investigadas suas variações e definidas suas características fundamentais.

O primeiro tratadista a formular teoricamente o conceito de tipo, relacionando-o à produção artística e estabelecendo suas diferenças em relação ao modelo, foi Quatremère de Quincy, em Paris, no final do século XVIII:

“A palavra ‘tipo’ não representa tanto a imagem de uma coisa que deve ser imitada à perfeição, mas a idéia de um elemento que deve servir, por si mesmo, de regra a um determinado modelo (...). O modelo, entendido em termos de prática da arte, constitui um objeto que deve ser repetido de forma exata; por outro lado, o tipo é um objeto a partir do qual podem ser concebidas obras totalmente diferentes entre si. No modelo, tudo é dado e definido com precisão; no tipo, tudo é mais ou menos impreciso.”⁷

Essa definição foi retomada por historiadores e arquitetos como Aldo Rossi, Aymonino e Panerai no século XX, sendo empregada muitas vezes como ponto de partida para a teorização necessária ao estudo dos tipos. A distinção entre modelo e tipo tornou-se imprescindível com a introdução do Movimento Moderno e a questão da produção de moradias em série – que exigiu inclusive o emprego de outro termo: o arquétipo.

Se existe uma diferença essencial entre morfologia e tipologia, trata-se, sobretudo, de uma diferença de método. Na morfologia, seleciona-se um tecido urbano (ou um fragmento deste) e procede-se à análise de todos os elementos morfológicos que o compõem (o solo, os edifícios, o lote, os quarteirões, as fachadas, etc.), articulando-os entre si e vinculando-os ao conjunto que definem.

⁵ VAZ, 1994, P. 10.

⁶ CORREA, 2001, P. 17.

⁷ QUINCY, apud AYMONINO, 1981, p.104-5.

Na tipologia, seleciona-se um elemento morfológico (um tipo de construção, de espaço livre ou de componente do espaço livre), investigando-se suas variações, hierarquias e sua relação com o contexto urbano, o período histórico e a sociedade que o produziu. Esse estudo também pode se restringir a um determinado trecho da malha urbana, mas seu objeto de interesse é outro, sendo outra também a escala com a qual se trabalha: na morfologia, estuda-se o próprio tecido e seus componentes; na tipologia, são analisados os tipos edificatórios, que não abrangem apenas os edifícios, mas os muros, as ruas, os pátios, os jardins e outros elementos morfológicos, como afirma Aymonino⁸; enquanto na morfologia, adota-se a escala urbana, na tipologia, trabalha-se com a escala do edifício ou do elemento selecionado.

Existe uma terceira corrente, denominada *typo-morphology* (tipo-morfologia), que propõe que o estudo dos tipos seja feito concomitantemente a uma análise do tecido urbano onde se situam. Neste caso, o método empregado estabelece uma correspondência entre a tipologia e a morfologia e pode-se selecionar um fragmento do tecido urbano, identificando-se os tipos edificatórios existentes e analisando-os em relação ao entorno.

Uma vez que variam o objeto de interesse e o método empregado, os resultados de pesquisas morfológicas, tipológicas e tipo-morfológicas também variam. É comum, na morfologia, a apresentação do processo evolutivo e das transformações da paisagem e do tecido urbano; na tipologia, são freqüentes as análises comparativas dos tipos edificatórios, com a apresentação de plantas e a verificação de suas semelhanças, variações e hierarquias – eventualmente, são expressas também suas conotações histórico-sociais; na tipo-morfologia, o recorte espacial é reduzido em relação à morfologia, sendo usual apresentar-se as plantas internas das edificações em trechos das plantas cadastrais, estabelecendo-se a relação entre os tipos e o tecido urbano.

⁸ PANERAI, 1999, p.117.

Se os elementos morfológicos compõem e estruturam a paisagem, estudá-los em suas inter-relações representa por si uma contribuição ao entendimento desta. Por outro lado, se o espaço urbano, como afirma Argan⁹, é também o ambiente das casas particulares, dos pátios e jardins, o estudo dos tipos representa, do mesmo modo, uma contribuição para a apreensão da paisagem. Relacionar os tipos ao tecido urbano em que se situam, ao contexto, ao local onde foram implantados é verificar seu lugar e seu papel do desenho e na composição da paisagem. Todos esses estudos são relevantes, portanto, ao paisagismo.

Morfologia e paisagem

Os primeiros trabalhos sobre morfologia urbana surgiram na Europa em fins do século XIX, onde Schlüter estabeleceu a morfologia da paisagem cultural em contraposição à geomorfologia (ciência que estuda as formas do relevo), dando ênfase à análise da paisagem urbana nos países industriais¹⁰. Ou seja, o estudo da forma urbana teve origem exatamente onde as cidades passavam por intenso processo de transformação - fato que atraiu o interesse dos estudiosos por suas implicações urbanísticas (sociais, espaciais, políticas e econômicas).

Schlüter distinguiu “paisagem cultural” (Kulturlandschaft), “paisagem natural” (Naturlandschaft) e “paisagem originária” (Urlandschaft)¹¹, introduzindo também o conceito de “ciência da paisagem” (Landschaftskunde). Desse modo, colocou a paisagem como objeto central da geografia.

Sua proposta metodológica era semelhante à da geomorfologia, enquanto estudo das formas da superfície. Seu método consistia em uma descrição inicial exata da paisagem, seguida pela classificação e posterior análise de sua gênese e

⁹ ARGAN, 1998, p.43.

¹⁰ LARKHAM, 1998, p.159.

¹¹ CAPEL, 1981, p.374 apud MAIA, p.15.

evolução a partir da paisagem primitiva natural¹². Esse autor considerava essenciais para a compreensão da paisagem urbana a análise dos planos urbanísticos, a tipologia edificatória e o estudo do parcelamento e uso do solo.

Ainda que sua influência tenha-se limitado aos “*German-speaking countries*”, suas idéias se difundiram, em meados do século XX, por meio das publicações de Conzen¹³. Segundo esse autor, o estudo da forma da paisagem urbana é a base para que se desenvolva uma teoria sobre o processo de construção das cidades, que não apenas explique a história do desenvolvimento urbano, mas oriente os futuros esforços de planejamento e estabeleça uma ciência para a gestão do espaço urbano¹⁴. Desse modo, a morfologia deixa de ser objeto de interesse apenas dos geógrafos, estendendo-se aos campos da arquitetura, do planejamento urbano, da arquitetura da paisagem e da gestão ambiental.

Um conceito introduzido por Schlüter e desenvolvido por Conzen é o conceito de “paisagem cultural”. Ao modificar o meio ambiente para suprir as necessidades de uma população em crescimento, a sociedade tem transformado seu habitat por etapas em uma paisagem cultural, como resposta aos desafios da natureza, às necessidades humanas e às situações históricas de diferentes regiões em diferentes períodos. A paisagem cultural é uma herança de propriedades materiais transmitidas a gerações sucessivas, que absorve trabalho contínuo e variado para seu uso e manutenção, e mantém a sociedade enraizada em determinado lugar, estando sujeita à estratificação histórica, posto que é contínua e repetidamente ocupada¹⁵.

No Brasil, os primeiros trabalhos de morfologia podem ser atribuídos a geógrafos como Pierre Monbeig e Aroldo de Azevedo, que se detiveram sobre o estudo das transformações das cidades, considerando fatores geográficos, históricos e sócio-culturais.

¹² MAIA, p.15.

¹³ LARKHAM, 1998, p.159.

¹⁴ MOUDON, 1998, p.145

¹⁵ CONZEN, 2004, p.40.

Assim como na Europa, o interesse pela morfologia e sua aplicação nas análises da paisagem e do espaço urbano por outras áreas do conhecimento (especialmente a arquitetura, o urbanismo e a arquitetura da paisagem) deu-se posteriormente. Um dos trabalhos mais significativos de morfologia urbana, integrado às áreas da arquitetura e do urbanismo, ainda que não tenha recebido essa denominação, foi o texto *Cidade brasileira*, de Murillo Marx, publicado em 1980. O autor caracterizou o sítio, o traçado, a conformação das cidades (algumas ainda lineares no período, outras possuindo contornos indefinidos), os vazios (as ruas, as praças e jardins públicos e particulares), as construções e outros aspectos – outros elementos morfológicos, como os denominaria José Lamas. A obra possui caráter histórico e estabelece paralelos entre a cidade tradicional e a cidade moderna. Ainda que os elementos morfológicos sejam abordados separadamente, ao final da leitura tem-se uma visão bastante abrangente do quadro urbano e das paisagens que se transformavam no período com o processo de verticalização.

Recentemente, têm sido desenvolvidos, no Brasil, trabalhos de morfologia atrelados à área de Paisagem e Ambiente, como a dissertação de Marcia Menneh sobre a morfologia da paisagem verticalizada, em que a autora seleciona três bairros distintos da cidade de São Paulo (Jardins, Moema e Morumbi), que têm em comum as alterações formais decorrentes da construção de edifícios de apartamento, ainda que tenha permanecido o traçado original. Essa relação, no entanto, entre morfologia e paisagem, é antiga e remonta aos primeiros trabalhos desenvolvidos na Europa no século XIX – embora estes tenham sido desenvolvidos no âmbito da geografia.

Sob muitos aspectos, a paisagem é o resultado direto da forma urbana (das características do sítio, do traçado, das construções, da existência ou não de vegetação, do parcelamento do solo, dos logradouros, das praças e parques), sendo evidentes suas inter-relações. Por outro lado, as relações entre o estudo dos tipos e a paisagem ainda não foram muito exploradas no Brasil.

Tipologia e paisagem

Uma das primeiras tentativas de classificação edificatória foi elaborada por Jacques Nicolas Louis Durand, sob a influência dos Enciclopedistas, à época da Revolução Industrial. Durand elaborou, na forma de painéis, uma classificação dos edifícios que constituíam a cultura arquitetônica do período¹⁶. Em sua classificação, evitava a idéia do tipo, utilizando o termo “gênero” ao descrever a variedade de construções classificadas de acordo com seu programa ou uso¹⁷.

Essa tipologia foi definida por Philippe Panerai como uma tipologia analítica, que tinha como ponto de partida as plantas e fachadas dos edifícios, revelando-se os esquemas básicos que as organizavam¹⁸. Segundo Panerai, tratava-se de um catálogo de exemplos arquitetônicos abstraídos do lugar onde haviam sido implantados e do momento histórico, que poderia ser utilizado por qualquer engenheiro para fazer construir rapidamente um tribunal, um quartel, ou outro edifício selecionado a partir de sua função, não importando a cidade onde estivesse¹⁹.

Os primeiros trabalhos de análise tipológica, ligados à morfologia urbana, que estabeleciam relações entre os tipos, o contexto urbano e o período histórico, foram desenvolvidos por Saverio Muratori, na Itália, na década de 1950. Muratori fundou a escola italiana de tipologia ao desenvolver um estudo sobre o tecido urbano de Veneza, propondo um método morfológico de análise para o entendimento da arquitetura²⁰. De seus estudos, decorreram três lições essenciais:

- o tipo não se caracteriza à margem do tecido construído;
- o tecido urbano não se caracteriza à margem do estudo do conjunto da estrutura urbana;

¹⁶ PANERAI, 1999, p.108.

¹⁷ MONEO, 1978, p.11.

¹⁸ PANERAI, 1999, p.118.

¹⁹ Idem, *ibid.*, p.109.

²⁰ MOUDON, 1995, p.145.

- o estudo da estrutura urbana só se concebe em sua dimensão histórica²¹.

Por meio de uma análise tipológica que buscava evitar cair em uma classificação puramente abstrata ou em uma contemplação puramente estética, o tecido urbano passava a ser entendido como um todo do qual faziam parte os edifícios²².

Nos estudos de Aymonino e de Aldo Rossi, os elementos que compõem a forma urbana são identificados com os tipos construtivos e os edifícios são classificados segundo sua forma e função, estabelecendo-se uma relação dialética entre os tipos e a forma da cidade. Se por um lado, os tipos determinam a forma urbana, por outro lado, a forma urbana os condiciona²³. Não obstante, o conceito de tipologia – em sua acepção moderna – tende a definir-se de modo independente em relação à morfologia urbana²⁴.

Aldo Rossi, Carlo Aymonino e Giulio Carlo Argan – para quem o tipo é uma abstração inerente ao uso e à forma de um grupo de construções, sendo sua identificação uma operação *a posteriori*, porque é deduzido a partir da realidade²⁵ – fazem parte da escola italiana inaugurada por Muratori em meados do século XX.

Além desta existe a escola ou corrente francesa de tipologia, estabelecida no final da década de 1960, em Versalhes, por Philippe Panerai e Jean Castex²⁶. Este último, no entanto, tem desenvolvido trabalhos que dizem respeito antes à morfologia que à tipologia edificatória.

Panerai elaborou um método de análise tipológica para o estudo de tecidos urbanos existentes ou de conjuntos de edificações agrupadas ou esparsas que compõem um “corpus significativo”.

²¹ PANERAI, 1999, p.117

²² Idem, *ibid.*, p.117.

²³ LAMAS, 1992, p.84-6.

²⁴ AYMONINO, 1981, p.163.

²⁵ MONEO, 1978, p.36.

²⁶ MOUDON, 1995, p.145.

Segundo esse método, quatro etapas devem ser cumpridas nesses estudos analíticos:

- a definição do corpus: envolve a delimitação da zona de estudo (o recorte espacial), e a seleção dos níveis de leitura do tecido urbano (ou as diferentes escalas abordadas);
- a classificação prévia: corresponde à primeira classificação dos objetos, segundo critérios de análise estabelecidos pelo investigador;
- a elaboração dos tipos: refere-se à formulação dos objetos teóricos que reúnem as propriedades básicas de um grupo de objetos, tornando-se referência para a compreensão destes;
- a tipologia: etapa em que os tipos são colocados lado a lado, ressaltando-se suas semelhanças e diferenças e os elementos que fazem com que sejam reconhecidos por qualquer observador – além de suas possíveis variações, devem ser demonstradas suas equivalências e hierarquias²⁷.

Segundo o método adotado por Panerai, a tipologia não deve se restringir a um paralelismo ou ficar restrita à tipologia do edifício em si. O estudo dos tipos deve considerar o lote, a quadra, o entorno, o local, a história, o período e a sociedade.

No Brasil, não existe uma escola de tipologia, mas vários trabalhos realizados apontam caminhos nessa direção. *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, pode ser considerado um dos primeiros trabalhos sobre os tipos de habitação brasileira:

“(...) A Casa-Grande de engenho, que o colonizador começou, ainda no século XVI a levantar no Brasil – grossas paredes de taipa ou de pedra e cal, coberta de palha ou de telha-vã, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos num máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais – não foi nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao

²⁷ PANERAI, 1999, p.122-132.

nosso ambiente físico e a uma fase surpreendente, inesperada, do imperialismo português: sua atividade agrária e sedentária nos trópicos; seu patriarcalismo rural e escravocrata. Desde esse momento que o português (...) tornou-se luso-brasileiro; o fundador de uma nova ordem econômica e social; **o criador de um novo tipo de habitação.**”²⁸

Mas foi em *Sobrados e Mucambos*, continuação da primeira obra, que Gilberto Freyre deixou aflorar o estudo dos tipos, ao traçar paralelos e apontar as diferenças e variações entre a casa grande, o sobrado, a senzala e o mucambo. Gilberto Freyre adotou a casa como centro de interesse para seus estudos sobre os choques entre raças, culturas e idades e sobre os antagonismos sociais. Em seu texto, buscou analisar “*a casa maior em relação com a menor, as duas em relação com a rua, com a praça, com a terra, com o solo, com o mato, com o próprio mar*”²⁹, ou seja, a tipologia não estava de modo algum limitada ao edifício.

Essa obra, de cunho altamente sociológico, denota a importância do estudo dos tipos e demonstra que a partir dele é possível caracterizar a paisagem e a sociedade de uma determinada época. Quando o estudo dos tipos não se restringe à análise do espaço em si, mas investiga relações intrínsecas e extrínsecas ao lugar, os antagonismos e as hierarquias sugeridas pela planta das residências, pelas características dos ambientes, pela qualidade dos materiais e pelo modo como se relaciona ou não com o mundo exterior, é revelador da sociedade e de seus costumes; permite outras leituras além da averiguação da similitude de arranjos programáticos e de distribuição dos compartimentos.

Saindo do campo da sociologia e passando para o campo da arquitetura, o estudo dos tipos prosseguiu com as publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com artigos elaborados por autores como Lucio Costa, Vauthier, Robert Smith e Luís Saia, sobre a arquitetura civil, oficial e religiosa do Brasil.

²⁸ FREYRE, 1936, p.48.

²⁹ FREYRE, 1936.

No entanto, foi com o texto de Nestor Goulart Reis Filho, *Quadro da Arquitetura no Brasil*, que o estudo dos tipos apareceu claramente articulado ao estudo da forma urbana, de um modo sob muitos aspectos semelhante àquele proposto por Muratori na Itália:

“Tentando encarar os fenômenos arquitetônicos com a objetividade de uma abordagem científica, tínhamos necessidade de superar os limites das análises de problemas puramente formais, para relacionar a arquitetura com um quadro mais amplo, especialmente com as estruturas urbanas e com as condições de evolução social e cultural no Brasil (...).”³⁰

Em sua obra, o sociólogo, arquiteto e historiador demonstra as relações entre a arquitetura e o tipo de lote em que está implantada:

“Não é difícil constatar que os lotes urbanos têm correspondido, em princípio, ao tipo de arquitetura que irão receber: os lotes medievo-renascentistas à arquitetura daqueles tempos, os lotes mais amplos do século XIX e início do século XX às casas com jardins particulares e, finalmente, as superquadras à complexidade dos programas residenciais recomendados pelo urbanismo contemporâneo.”³¹

Além destes, outros trabalhos sobre os tipos de habitação foram desenvolvidos no país. Alguns apresentavam relações entre as áreas edificadas e o lote ou o entorno próximo; outros se detinham sobre as transformações das edificações ou as alterações nas plantas. Poucas vezes, contudo, o estudo dos tipos foi aplicado aos espaços livres de edificação - considerados como objeto de estudo.

³⁰ REIS FILHO, 1970, p.9-10.

³¹ Idem, *ibid.*, p.16.

Considerações finais

Se a relação entre a morfologia urbana e sua contribuição para o entendimento da paisagem tem se tornado cada vez mais evidente, o estudo dos tipos não tem sido muito explorado no âmbito da arquitetura da paisagem, seja porque a idéia de classificação é questionada por alguns estudiosos, seja porque aparentemente está relacionado antes à História da Arquitetura que à História da Paisagem ou ao Paisagismo. Mas a tipologia não é apenas uma classificação, não se trata de catálogo. O estudo dos tipos abre caminhos para leituras e descobertas das estruturas sociais, dos antagonismos e características inerentes à sociedade, da estrutura urbana e da paisagem, sendo, portanto, campo de conhecimento.

Quando Gilberto Freyre escreveu *Casa Grande & Senzala e Sobrados e Mucambos*, partiu de um tipo de habitação e de seu contraponto imediato (seu oposto) para desvendar a paisagem social de um período. O texto de Nestor Goulart demonstra que por meio do estudo dos tipos de habitação, relacionados ao lote e à estrutura urbana, pode-se caracterizar paisagens diversas, de épocas distintas.

Do mesmo modo que a morfologia não deve se limitar aos aspectos descritivos dos elementos morfológicos do espaço urbano, assim também a tipologia deve estar além da classificação edificatória. O reconhecimento e a identificação dos tipos existentes são passos iniciais da pesquisa, mas é nos aspectos sociais (históricos, econômicos, políticos e culturais) que cada um dos tipos de edificação e cada um dos tipos de espaços livres revelam e na relação dialética que estabelecem com a forma urbana que reside sua contribuição maior para a delimitação da paisagem (social e urbana).

O que se propõe, portanto, é que o estudo dos tipos não fique restrito, como tem estado muitas vezes, à área da História da Arquitetura, mas que seja empregado em outras áreas do conhecimento, entre elas, a área de Paisagem e Ambiente, à Geografia Urbana e ao Planejamento Urbano e Ambiental.

Referências bibliográficas

- ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AYMONINO, Carlo. El significado de las ciudades. Madrid: Herman Blume Ediciones, 1981.
- CONZEN, M. R. G. Thinking about urban form: papers on urban morphology (1932-1998). Edited by Michael P. Conzen. Switzerland: Peter Lang, 2004.
- CORREIA, Naide Patapas Cotrim. Paisagem habitacional e morfologia urbana – um estudo de caso em Pirituba. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 2001.
- FREYRE, Gilberto. Casa grande & senzala. 2.ed. Rio de Janeiro: Schmidt, 1936.
- _____. Sobrados e mucambos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Arquitetura civil I, II e III. São Paulo: IPHAN/FAUUSP, 1975.
- _____. Arquitetura oficial I e II. São Paulo: IPHAN/FAUUSP, 1978.
- _____. Arquitetura religiosa. São Paulo: IPHAN/FAUUSP, 1978.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.
- LARKHAM, Peter J. “Misusing ‘morphology?’” *Urban Morphology* 6(2): 2002, p. 95-97.
- _____. “Urban morphology and typology in the United Kingdom”. In: PETRUCCIOLI, Attilio (ed.) *Typological process and design theory*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1998, p.159-177.

- MAIA, Doralice Sátyro. A geografia e o estudo dos costumes e das tradições. <http://www.cibergeo.org/agbnacional/terralivre16/terralivre16artigo4.pdf>
- MARX, Murillo. Cidade brasileira. São Paulo: Edusp: Melhoramentos, 1980.
- MENNEH, Marcia Halluli. Morfologia da paisagem verticalizada: conflitos e padrões urbanísticos. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 1997.
- MONEO, Raphael. "On typology". *Oppositions* (13): summer 1978, p. 23-45.
- MOUDON, Anne Vernez. "The changing morphology of suburban neighborhoods". In: PETRUCCIOLI, Attilio (org.). *Typological process and design theory*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1995, p.141-157.
- PANERAI, Philippe. "Typologies". In: PANERAI, Philippe *et alii*. *Analyse urbaine*. Marseille: Éditions Parenthèses, 1999, p.105-132.
- ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VAZ, Lilian Fessler. Uma história da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 1994.

Recebido em abril de 2006
Aceito em maio de 2006